

Conflito indígena é visto de perto



TELEFOTO IRINEU DALLA VALLE/DC/Chapécó

À ESPERA: Colonos que estão acampados em frente ao Incra fazem novena de Natal
CHAPECÓ

Um diálogo aparentemente estranho chamou atenção na frente do Incra de Chapécó ontem à tarde. Um grupo de pessoas conversava em diversas línguas: alemão, inglês, espanhol e português. Mas a diferença de cultura e idiomas não impediu que o grupo de visitantes conhecesse a situação e os motivos das duas famílias de agricultores estarem acampadas em frente ao Incra.

Quatro pessoas formam o grupo de estrangeiros que veio ao Brasil para conhecer os conflitos indígenas: Guilherme Kempen e Iolanda Van Osta, da Holanda, Leonard Oldo e William Anunda, do Quênia. Eles, que chegaram a Chapécó no sábado, já percorreram outros estados do país. No domingo o grupo foi até Seara, em Toldo do Pinhal, conhecer a reserva indígena. Uma intérprete, Maria Rezende Capucci, acompanhou a visita. Ela conta que o grupo ficou impres-

sionado com a união entre os índios. "Eles vivem em uma situação muito precária, mas lutam com o coração", conta William Anunda, do Quênia.

Ontem pela manhã o grupo foi até o Incra conhecer o outro lado da história de lutas. Lá encontraram as duas famílias que completam sete dias de acampamento em frente ao Incra. Um encontro inusitado chamou atenção de todos. Um dos agricultores que falava alemão conseguiu conversar animadamente com o holandês Guilherme Kempen. "No fim, índios e agricultores também estão unidos tentando evitar conflitos", acredita Guilherme.

Depois da conversa com os produtores, o grupo, acompanhado por integrantes do Cimi (Conselho Indigenista Missionário), teve uma reunião com o executor do Incra, Euclides Basso. À noite os estrangeiros foram para o Paraná conhecer a vida dos índios Guarani, em Foz do Iguaçu.